

COMUNICAÇÃO

Título: A Relação Mãe-Mãe Substituta ou Ama e o Nascimento Psicológico da Criança

Autor: Ana Francisca Moura

Instituição: Escola Superior de Educação de Setúbal

Pretendo nesta comunicação analisar esta interacção triangular. Para tal farei uma análise do 1º e 2º anos de vida de uma criança colocada em creche familiar — Serviço do Centro Regional de Segurança Social.

Esta criança é o meu filho Diogo, que tem nesta altura 2 anos e 5 meses. A ama é a Tita, como ele diz.

Quando optei por uma creche familiar não pensei que a vivência merecesse ser descrita noutra sítio que não a minha história pessoal e a do Diogo. Mas as características desta forma de apoio, parecem-me muito propícias a reflexões pertinentes no âmbito da psicologia e da educação, com duas vertentes:

- a relação mãe - mãe substituta
- e o desenvolvimento da criança na creche familiar, que chamei de nascimento psicológico, utilizando o termo de Margaret Mahler, cujos conceitos utilizarei na minha reflexão.

De um modo geral este tipo de apoio à criança, feito em casa da ama, pode tornar-se mais personalizado e rico em estímulos que na creche tradicional. O facto de a ama estar em sua casa tem implicações importantes, para a mãe, para a profissional e evidentemente para o bebé.

A casa é o espelho da mulher no dizer de Marguerite Duras, a mãe que leva o bebé conhece e sente um pouco da outra mulher que ali vive. A casa tem as suas coisas pessoais, o seu cheiro.

“Quando vem da ama o Diogo cheira à Tita”, como diz o meu filho mais velho.

Mantem-se sempre uma distância, é outro território onde se deixa o filho e apercebemo-nos, não sem sentimentos contraditórios - que se torna também o território do filho. Torna-se o espaço onde ele também vive experiências de vida, constantemente descoberto e redescoberto através da motricidade. A casa da ama é um espaço de interação onde estou simultaneamente sempre presente e sempre excluída.

A casa da ama é o lugar do jogo, da experiência cultural do meu filho, o meio onde se desenvolve o seu espaço potencial.

É um espaço personalizado - isso torna a pessoa que o habita mais à vontade, mais em harmonia com os seus hábitos, sentimentos, cultura. Isto faz com que seja mais capaz de fazer um uso criativo deste espaço, com a sua cultura, os seus hábitos, os seus sentimentos, na interação com o bebé.

É o peso destes aspectos que eu sinto e observo na personalidade nascente do meu filho.

A vida daquela casa faz parte do seu mundo e da sua cultura.

Nas traseiras há “a vizinha Mariana que dá papa às galinhas e calhelhos”.

“A vizinha Mariana que zanga com o cão”.

“O cão que tem areia na pata (coxeia)”.

“O cão mau, o miau bom”.

A janela da frente, onde invariavelmente se despede de mim e diz “B’ dia” a toda a gente (1ª palavra que pronunciou).

O hospital para onde vão os “tinonis”, que agora estão diferenciados em “tinonis” dos bombeiros, polícia e hospital.

Onde observa e aprendeu que os “popós” grandes levam areia da praia.

Em longas conversas, diz a ama:

“Canso-me de tanto falar com ele, mas também gosto, é a minha companhia”.

“O seu filho é um homem velho, faz cada pergunta e diz cada coisa”.

“Aquele popó grande não tem cabeça”, referindo-se a uma camioneta sem cabine, só o reboque, ali estacionado.

Horas de convivência em que ama e bebé partilham alegrias, descobertas, partilham-se...

Mas voltemos ao início desta relação.

Quando entrou para a creche familiar o Diogo era um bebé de 4 meses.

Quando falo em bebé lembro-me da frase de Winnicott: “Essa coisa a que chamamos bebé não existe”. Queria dizer que sem cuidados maternos não há bebé, o que é polémico e discutível, mas que cumpre o objectivo de chamar a atenção para a importância da relação mãe-filho nos 1ºs meses.

Winnicott referia-se à necessidade do comportamento de apoio (“holding”) da mãe ser “suficientemente bom” para criar nos primeiros meses de vida um equilíbrio psicológico que permita a separação e a individualização.

Este equilíbrio parece depender de uma certa correspondência entre os padrões de descarga do bebé e a mãe, de uma correspondência entre os padrões interactivos, através do fornecimento mútuo de pistas.

Durante os primeiros meses estabelece-se um equilíbrio na interacção mãe-bebé, este familiarizou-se com a metade materna do seu eu, como indica o sorriso dirigido à mãe. A mãe familiarizou-se com o bebé, o seu ritmo, necessidades.

É este conhecimento único que é importante que a mãe transmita à mãe substituta nos primeiros contactos, em qualquer projecto pedagógico para a primeira Infância.

Visitámos a ama aos 3 meses de vida do Diogo, disponível, interessou-se por estes aspectos, numa entrevista em que não me senti segura.

Comunicar a outra mulher, profissional, se somos uma mãe suficientemente boa, não é fácil! As coisas correm se do lado do profissional não vierem

juílgamentos ou conselhos, mas uma escuta atenta e compreensiva. Uma empatia verbalizada nas dificuldades que as mães sentem nos primeiros tempos de interacção com o bebé. Uma identificação mútua centrada na compreensão da maternidade.

É entre uma complexidade de sentimentos da parte da mãe que o bebé (e a mãe) iniciam a sua interacção com a ama. De um modo geral os sentimentos da mãe que deixa o seu filho numa creche, com outra mulher, não são à partida muito positivos. Sentimentos de desconfiança com pensamentos do género (será a ama uma mãe suficientemente boa para o meu bebé) de culpabilidade (devia ficar com o meu filho), de insegurança (será que escolhi o apoio certo)...

A evolução desta relação triangular é decisiva para o bem estar e desenvolvimento psicológico do bebé. É do desenrolar desta interacção que vos vou dar conta.

O tempo que dura esta interacção, dos 4 aos 36 meses, é precisamente o importante período da separação e individualização — período que consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume as suas próprias características individuais.

Margaret Mahler chama-lhe de nascimento psicológico da criança, descrito por outros autores como o desabrochar para fora da membrana comum simbiótica mãe-bebé. Descrito como uma espécie de segundo nascimento, porque na perspectiva de Mahler, o nascimento biológico e o nascimento psicológico não coincidem no tempo, o primeiro é um acontecimento bem delimitado e observável, o último um processo psíquico de lento desdobrar. Como qualquer processo intrapsíquico, acompanha o ciclo da vida. Nunca termina; permanece sempre activo.

Nesta fase, aquilo que podemos chamar de processo de formação da identidade é constituído por dois desenvolvimentos complementares — separação e individualização.

O termo separação refere-se à aquisição intrapsíquica de um sentido de desligamento da mãe e, através dela, do mundo em geral. Esta separação leva a uma representação intrapsíquica do eu como distinta das representações do mundo dos objectos.

Este é o primeiro passo do desenvolvimento da individualidade; como observei, o termo identidade é também utilizado, referindo a consciência mais primitiva de um sentido de ser.

Não se trata da percepção de **quem** eu sou, mas sim de **que** eu sou, eu **exist**o.

É precisamente quando o bebé apresenta os primeiros sinais descritos por Margaret Mahler como típicos de individualização que entra para a creche. Estes primeiros sinais ligam-se ao sistema perceptivo-consciente, que permite ao bebé um estado permanentemente alerta, sempre que acordado.

Mas estes primeiros sinais de separação da mãe são bem diferentes do sentimento de estar fisicamente separado da mãe, nesta idade a criança está longe de ter adquirido mecanismos reguladores internos que lhe permitam suportar esta separação sem angústia.

É quando surge o episódio da fralda. A ama dá ao meu filho uma fralda para dormir. Diz-me:

“Ele assim não se sente tão sozinho”. Sensibilidade à criança e saber adquirido...

A fralda funciona (até hoje) como objecto transaccional, tradicionalmente descrito por Winnicott como aquisição precisamente dos 4-5 meses, descrito como monumento à necessidade do contacto com o corpo da mãe, expressa na preferência por um objecto durável, macio, flexível, morno ao contacto. Apertá-lo contra o rosto substitui o seio ou a pele macia da mãe.

Esses meses, até ao final do 1º ano decorrem com a manutenção do equilíbrio — num bebé saudável, alegre, palrador.

A interacção mãe-mãe substituta funciona numa comunicação diária, centrada no bebé, sobretudo nas suas aquisições, marotices — sinto o meu

filho muito valorizado pela ama, que tem uma comunicação pela positiva e centrada na comunicação do bebé mesmo quando quer fazer qualquer referência é do estilo:

“Olha mamã não te esqueças que as fraldas estão a acabar!”

“Mamã, hoje trouxeste comida para dois” ou “Hoje não gostei nada da sopa, gosto mais de cenoura”.

Revelam-se os gostos do bebé, muito evidenciados pela ama:

“Sabes mãe, gosto muito de uvas” (bolas) - comi as da Inês

“Sabes mãe, gosto mais de iogurte de ananás”.

O Diogo revela uma grande energia com 11 meses.

Diz a ama:

“Sabe que o seu filho ficou conhecido na praia por andar por todo o lado — não é costume os bebés andarem na areia com esta idade”. E fugia, corria, escondia-se. O fugir — jogo de vai e vem da criança, sinais claros e típicos do processo de separação — individuação que tem na aquisição do andar o passo mais importante em direcção à individuação.

O prazer da fuga, dos jogos de escondidas, que representam a perda e reconquista do objecto. Fugir para ser apanhado.

Andando, há mais para ver, mais para tocar, mais para ouvir.

Alarga-se o interesse pelos objectos, faz experiências, descobertas.

Um dia quando chego para ir buscar o Diogo, a ama relata-me surpreendida:

“o seu filho desde que acordou da sesta que está a tentar pôr os brinquedos neste saco de plástico. Experimenta uns muito grandes, que não cabem, vai buscar outros, tem passado os bonecos a pente fino”.

Relatos deste género da parte da ama, revelam-me uma disponibilidade e capacidade de observação da criança, que tem o efeito de me tranquilizar e desenvolver a confiança nela.

Há uma verdadeira paixão pelo mundo, da parte do Diogo.

O narcisismo atinge o seu mais alto ponto, há um grande investimento no seu corpo e nas suas funções.

Foi uma fase de impermeabilidade a quedas, cabeçadas e outras frustrações, como tirarem-lhe as coisas...

Nesta fase o bebé tem grande satisfação narcísica com as competências físicas e intelectuais que se desenvolvem com grande rapidez.

A atitude positiva e de valorização da ama, e, evidentemente, minha, aumenta o enamoramento do Diogo pelo seu mundo, pela sua grandeza, pela sua onnipotência.

Mas o comportamento do Diogo nesta fase é muito revelador da disponibilidade afectiva da ama, do que Mahler chama “o fenómeno do reabastecimento” — o bebé explora, afasta-se mas tem necessidade da fonte da segurança por perto.

Um bebé pode sentir-se abandonado na presença do adulto — se, por exemplo, este interferir quando, ele próprio, o adulto, necessita e não quando a criança necessita, ou se, sob o pretexto de não interferir na independência da criança, só quando esta cai e chora é que interfere.

A ama revela também grande confiança na criança nas suas competências. Num passeio à rua, o bebé diz à ama: “aqui é a casa da avó”, a ama não sabia mas bate à porta e era mesmo a casa da avó...

Atitude de tolerância em relação ao sexo e às descobertas sexuais — “Mãe, não tem pila, não?”. “Tita, não tem pila, não?”. “Gonçalo tem pila, tem?”. “Mano tem pila, tem?”.

Nesta idade, por volta do 2º ano de vida, ocorre uma diminuição da impermeabilidade à frustração e um decréscimo relativo na facilidade de separação da mãe — Mahler chama a esta fase “crise de reaproximação”.

O delírio de grandeza é gradualmente abandonado, e isto é uma condição para o processo de individuação e identificação humanas.

Fase de birras, brigas, chamadas de atenção.

Inquietação sobre o paradeiro da mãe.

“A mãe foi trabalhar, foi?” — Prontamente tranquilizado pela ama, “a mãe vai ganhar tostões”.

Talvez por isso o Diogo tenha andado apaixonado por um mealheiro cheio de “tostões” velhos, com que nessa fase o encontrava frequentemente a brincar quando chegava. Verifica-se novo apego à fralda.

A comunicação verbal torna-se extremamente importante nesta fase, acompanhada de disponibilidade do adulto para facilitar a continuação da atitude de independência da criança.

Isto implica da parte dos adultos em questão a disposição emocional de “soltar” a criança.

Ultrapassada esta fase que coincide com a educação dos esfíncteres, uma individualidade é atingida.

Capaz de aceitar melhor a separação da mãe, por vezes prefere ficar a brincar com as outras crianças sem ligar à minha saída.

Espero ter conseguido dar uma visão da interacção triangular mãe-mãe substituta-criança, centrada no desenvolvimento da criança, ou melhor, centrada na comunicação com a criança. Este aspecto é, a meu ver, central nos projectos educativos com a primeira infância. Em minha opinião, a creche familiar permite uma comunicação particularmente personalizada, adequada e criativa com a criança. Aspectos, muitas vezes, pouco valorizados.

Para além dos aspectos que referi em detalhe, por me parecerem particularmente elucidativos da resposta que a creche familiar pode dar às necessidades de segurança (da mãe e do bebé), de afirmação da personalidade do bebé, é pertinente referir mais dois. Estes aspectos que poderiam ser, eles próprios, objecto de uma comunicação, aparecem em último lugar porque o tema da minha reflexão foi diferente.

Estes aspectos são: a interacção com outras crianças na creche familiar, e a formação e apoio que as amas recebem regularmente duma equipa de educadores de Infância do Centro Regional de Segurança Social.

Em relação a este último aspecto pude observar que ele sustenta, (como a mãe boa) o comportamento da ama.

Observável e sentido no cuidado do relacionamento com os pais, na atenção às necessidades básicas, alimentação, higiene das crianças, da habitação. Esta formação prespasa nas preocupações educativas com as refeições, a educação dos esfíncteres.

Na minha experiência senti particularmente a orientação profissional da ama nos jogos e materiais facultados às crianças e introduzidos planeadamente; ultimamente no cuidado e preparação da entrada de uma nova criança. De um modo geral, na consideração da importância de todo um conjunto de interacções que põe em relação a criança e o seu meio.

A questão de formação e selecção das amas e corpo de educadores de infância especializados é, sem dúvida, um dos suportes da qualidade da creche familiar. Trabalho complexo se pensarmos que este apoio implica não o conhecimento de um bebé, mas muitas crianças colocadas em creches familiares, atenção e aconselhamento às diferentes necessidades individuais, integrar as diferenças, contribuir para superar problemas ou handicaps.

O segundo aspecto que queria sublinhar é a interacção com as outras crianças; regra geral nas creches familiares estão colocadas 3 ou 4 crianças.

A constatação de que mesmo antes do período verbal as crianças se interessam pelos desejos e pelas actividades dos outros e procuram comunicar as suas intenções ou descobertas é recente em termos da psicologia da educação. Com efeito, o interesse pelo estudo da interacção social entre pares, sejam eles bebés, adolescentes ou alunos em geral, data dos últimos anos e as mais recentes investigações em psicologia da educação relacionam-se com este aspecto e defendem uma pedagogia interactiva.

Este aspecto não é de certeza novidade para a ama do meu filho, que vê diariamente crianças de 24 meses, 18 meses, 10 meses a interagirem.

Através de posturas, de gestos, de mímicas, vocalizações e palavra, sabem significar o seu interesse mútuo e o seu desejo de partilhar actividades.

O Diogo manifesta necessidade de interessar os outros pelas suas actividades, partilhar as suas descobertas, os seus interesses. Gosta das actividades em conjunto.

A situação de creche familiar, 3-4 crianças com a ama, jogando, vendo livros, fazendo desenhos, facilita esta dinâmica interactiva. A presença do adulto atento é um poderoso estimulante: as crianças sentem-se valorizadas. A comunicação é encorajada.

As crianças podem manifestar os seus saberes e descobertas — implicam-se em verdadeiras situações de aprendizagem.

Porque se as crianças investem na acção e reflexão, experimentam, descobrem, criam e comunicam, trata-se de verdadeiras situações de aprendizagem.

Concluindo, a creche familiar proporciona uma dinâmica interactiva que favorece o desenvolvimento das tendências espontâneas das crianças — agir, explorar, comunicar — logo favorece a aprendizagem pois aprender é construir saberes em interacção com outro.

Este outro é não só o adulto, mas as outras crianças. Além disso, a ama brincando diariamente com o grupo que tem a cargo, proporciona uma grande variedade de actividades e situações que facilitam o desenvolvimento de dinâmicas interactivas construtivas de saberes — de aprendizagens.